



Publicação do SPM - Serviço Pastoral dos Migrantes - jul/20 a dez/20

Ano 32 - Boletim 126



BATTA sem JuBico 2-20

Sumário

Editorial - p. 02

HISTÓRIAS DE VIDA - p. 03

• Diana Soliz: uma migrante que lutou pelos seus direitos e agora ajuda outras migrantes

FIQUE POR DENTRO - P. 05

• Feminização das migrações no Brasil

SEÇÃO BÍBLIA - p. 06

• Êxodo ou a Migração no Caminho da Liberdade

REFLEXÃO - p. 08

• A Economia de Francisco e a Migração

• Política, fanatismo político e migração

VARAL DO SPM - p. 10

• Salvador

CULTURA E ARTE - p. 11

• Menina de dez anos

BALAIO - p. 12



Publicação Semestral do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes

Rua Caiambé, 126 – Ipiranga.
CEP 04264-060 – São Paulo, SP.

Fone: (11) 2063-7064

E-mail: spm.nac@terra.com.br

secretaria.spm.nac@terra.com.br

WhatsApp: 11 94863-9478

Site: www.spmnacional.org.br

Boletim SPM Informa:

www.spminforma.blogspot.com

Facebook:

www.facebook.com/pastoraldosmigrantes

YouTube: www.bit.ly/SPMcanal

Instagram:

www.instagram.com/pastoraldosmigrantes

Twitter: twitter.com/spmigrantes

O SPM é um organismo ligado à Comissão 8 da CNBB. Tem como objetivo central articular e dinamizar a Pastoral dos Migrantes em âmbito nacional.

Assinaturas:

Normal: R\$ 20,00

Apoio: R\$ 50,00

Exterior: US\$ 30,00

O pagamento pode ser feito através de cheque ao Serviço Pastoral dos Migrantes ou depositar na Conta Corrente 42777 da Agência 0644 do Banco Itaú, ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial:

Ana Valim, Ana Carolina G. Leite, Ari José Alberti, Daniel Gorte-Dalmo, Espedita Macena de Andrade, Jairo Moura Costa, José Carlos Pereira, José Roberval Freire, Juliana M. Medeiros, Maria de Lourdes Bernartt, Mario Geremia, Miguel Angel Ahumada, Roberto Saraiva, Sabrina Queiroz e Teresa Paris B. Holanda.

Imagem da Capa:

Batata sem Umbigo

Projeto Gráfico:

Fabricando Ideias Design Editorial

Diagramação

Renata Lima

Impressão:

A. N. Gráfica – 3975 9262

Tiragem: 1.000 exemplares

Editorial

Mais uma vez, estamos aqui com o **Boletim Vai Vem** abordando a temática das migrações, considerando de alguma maneira os 4Rs apontados pelo Pe. Alfredinho: “rostos”, “rotas”, “raízes” e “respostas”. Mas, antes de tudo, neste momento de impacto mundial da pandemia do coronavírus, com as maiorias excluídas sendo as mais afetadas, vamos escutar o que o mundo das migrações tem a nos dizer.

É é precisamente nesta escuta continuada que celebramos os 35 anos de SPM, com tanta gente que fez parte desta caminhada, organizando grupos, recriando metodologias, fazendo trabalho de corpo a corpo, e tanta coisa, que seria impossível transcrever aqui esta rica e generosa memória de Missão de Igreja Peregrina, com abertura macroecumênica ao diferente.

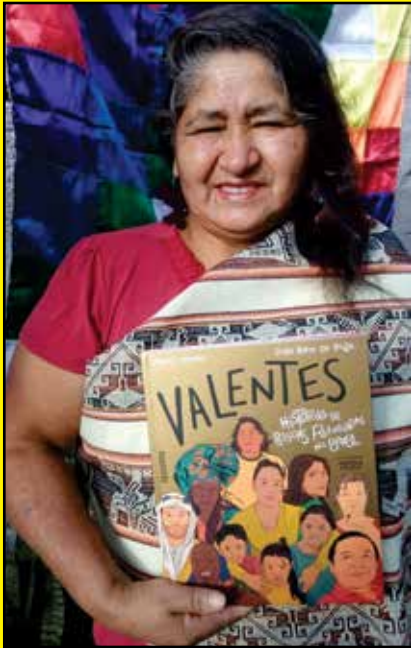
Nesta edição, temos a voz da mulher migrante, Diana Soliz, que nos toca fundo, com sua experiência de dor transformada em resistência e militância. A Márcia de Oliveira, desde Manaus, traz a temática da feminização das migrações, sobretudo no atual reordenamento internacional do trabalho, com destaque ao setor de serviços. Dom Sebastião Armando, bispo emérito anglicano, aborda o êxodo na perspectiva de uma espiritualidade não passiva e lembra Moisés na mobilização de seu povo contra a escravidão, e trabalhando os conflitos internos que enfraqueciam a consciência do povo e provocavam divisões. Esta reconstrução do “Povo de Deus” é missão atual, junto à todos os grupos ameaçados de migração e de perda de suas raízes. Eduardo Brasileiro traz a Economia de Francisco,

como uma missão urgente que também envolve os migrantes. No lugar da chamada “necropolítica”, ou política de morte, uma economia de partilha e cooperação, reconectada com a Casa Comum. Jairo Costa, Ana Valim e José Carlos Pereira nos alertam para o crescente fundamentalismo e fanatismo de grupos que se fecham em discurso de falsidade e violência, e que tem encontrado apoio em expressivas camadas da população. Nos desafiam perguntando: “como nós, dos movimentos sociais, podemos nos contrapor a esta situação?”

Estas reflexões nos remetem novamente aos 35 anos de SPM, com sua inspiração scalabriniana, e nos faz agradecer a Deus pelo caminho percorrido e olhar esperançosamente para o futuro. No hoje, migrantes costuram a história, nas trocas culturais, na resistência à discriminação, na partilha, no desejo de viver. Como Diana, lutando por seus direitos, enferma, e que se tornou uma militante sindical para conscientizar e defender suas companheiras.



Diana Soliz: uma migrante que lutou pelos seus direitos e agora ajuda outras migrantes



Como todos nós, Diana Soliz tem uma história muito particular, muito sua, e ao mesmo tempo cheia de elementos comuns a tantas outras pessoas - no seu caso, em especial, comum a tantos outros migrantes, internos e internacionais. As dificuldades em sua terra e as promessas de uma vida melhor a trouxeram ao Brasil, isso não sem a dor de se separar da família, de ser explorada por gente inescrupulosa, de encontrar ajuda e acolhida

nos movimentos sociais, no sindicato das empregadas domésticas de São Paulo e na igreja Católica, de construir uma nova família e criar novas raízes na nova terra, sem se esquecer de onde veio.

Boliviana criada em Sucre, de uma família de 16 irmãos, aos seis anos, diante das dificuldades financeiras da família, do pai alcoolista, foi mandada para um orfanato, junto com algumas de suas irmãs, onde ficou até os 14 anos. Desde então passou a trabalhar como empregada doméstica ou babá. No seu primeiro emprego na Bolívia, aos 14 anos, era babá e dormia num papelão na despensa. Até o dia em que o patrão e seu filho tentaram estuprá-la. Fugiu assustada para casa da mãe, que mandou que voltasse, pois precisavam do dinheiro. A patroa não aceitou, disse que Diana havia roubado um pacote de guardanapos, por isso fugira.

Em 1996, Diana tinha 35 anos, uma filha de seis, estava desempregada e recém havia saído do hospital, onde estivera internada por conta de uma anemia, quando a irmã retomou contato do Brasil, depois de muito tempo sem mandar notícias, convidando-a para se juntar a ela e trabalhar como babá na casa onde era doméstica. Diante do quadro de dificuldades que tinha diante de si, decidiu aceitar o convite. Tinha receio do que encontraria do outro lado da fronteira, por mais que tivesse uma parente a ajudá-la. Isso significava não apenas deixar para trás a família, mas também, ainda que temporariamente,

a filha, que ficou aos cuidados dos avós. Um mês depois a irmã enviou o dinheiro para a passagem e ela seguiu para São Paulo.

Permaneceu nesse primeiro emprego por dois anos: tempos difíceis, pois chorava de saudades da filha, economizava parte do dinheiro para ir buscá-la, a outra enviava para ajudar os pais; foi nesse período que conheceu seu marido. O encontro foi fortuito e inusitado: voltava para casa com a irmã e estavam perdidas, pediram a ele informação. Mantiveram contato, se apaixonaram e finalmente se casaram - na Bolívia, em 1998. Foi uma cerimônia simples, e as alegrias eram muitas: além de casar, era o reencontro dela com seus pais e parentes, e, principalmente, com a filha, que agora traria com ela.

A adaptação da filha não foi fácil: sofreu preconceito e bullying na escola, por ser estrangeira. Para melhor cuidar dela, Diana deixou de ter trabalho remunerado e trabalhou como dona de casa. Pela experiência difícil na escola pública, o neto, que hoje tem 11 anos, estuda em escola particular, ainda que para isso a filha se veja obrigada a ter dois empregos: ela diz que o esforço vale a pena, em favor de um futuro melhor para o filho.

Ter filhos é algo que dificulta bastante a vida das migrantes, conta Diana: além do risco de chegar a um local desconhecido, da dificuldade das adaptações, nem toda patroa quer o filho na casa - e aí, quem fica com a criança? Isso além dos preconceitos habituais de nossa sociedade machista contra as mulheres, que justificaria, inclusive, salários menores. Dentre os ensinamentos que fez questão em repassar à filha, estão ser honesta e ter



respeito pelas pessoas, independente da sua posição; e que o respeito começa por respeitar a si própria, se dar valor e não esperar dos outros - “ou então ninguém vai te respeitar”.

Em 2006, quando a filha tinha 14 anos, voltou a trabalhar remuneradamente como doméstica. Ficou por dois anos numa casa, ganhava um salário mínimo, sem carteira. Perdeu o emprego quando precisou pôr um marcapasso, em 2008.

Recuperada da cirurgia conseguiu outro emprego, o qual teve grande impacto na sua vida, ao menos num segundo momento.

A patroa era gerente de uma agência de um banco privado, ou seja, alguém que ganhava bem e conhecia os direitos e deveres de patrões e trabalhadores. Diana trabalhava das 10h30min às 18h, sem carteira assinada ou qualquer direito, ganhava R\$ 220 por mês - o que dava meio salário mínimo da época. Como não conhecia seus direitos, aceitou.

Essa situação de exploração seguiu até 2014, quando precisou trocar a bateria do marcapasso e ficar dois meses em repouso, com licença médica. Com um mês afastada, a patroa a chamou de volta ao trabalho, indiferente ao seu estado de saúde. Diana não “obedeceu” e voltou somente ao fim de sua licença médica. Não recebeu nada nesses 60 dias pois, segundo a patroa, “se não trabalhou não tem direito a receber”. Diana insistiu: não conhecia seus direitos, mas tinha alguma ideia de que tampouco era assim, e a licença médica garantia a remuneração enquanto se recuperava. A patroa a desafiou que fosse atrás, se achasse que fosse diferente, e ela foi: é quando entra em contato com o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo (S.T.D.M.S.P - <http://bit.ly/SPM0154>), que a orientou. A patroa não gostou, fez pressão, tentou resolver por fora do sindicato, oferecendo um pequeno aumento - seu salário era então de R\$ 400,00 por mês, quando o salário mínimo era de R\$ 810,00 em São Paulo. Diana recusou, perdeu o emprego, e acabou por ganhar a luta na justiça e a indenização devida: “não queria nada além do que me era de direito”.

Violência e assédio, em suas diversas formas, são riscos constantes às domésticas. As mais vulneráveis são as que dormem na casa onde trabalham - situação em que são super exploradas - e as mais jovens - em especial violência sexual, e ainda são acusadas de terem se oferecido aos patrões. As mulheres homossexuais são outras vítimas muito visadas. Em geral as trabalhadoras silenciam, por desconhecimento dos seus direitos - como foi o caso de Diana - ou por medo da repercussão, quando se trata de assédio sexual. Diana diz que mesmo quando as violências não se efetivam no corpo, ficando mais no assédio, o psicológico é muito afetado - pela própria carga



de desmerecimento que o trabalho doméstico acarreta, quase como se fosse uma vergonha esse emprego, como se fosse indigno fazer esse tipo de serviço.

Voltando à história de Diana. Infelizmente, sua saúde se debilitou muito depois da ação contra a ex-patroa, e não conseguiu mais um emprego. Isso não significou ficar parada: desde então milita junto ao sindicato - único sindicato de empregados domésticos no país que tem um setor dedicado às imigrantes internacionais, e crê que isso faz grande diferença -, realiza junto com outras mulheres do sindicato o programa “Domésticas em Ação”, que vai ao ar pela Webradio Migrantes (<http://bit.ly/SPM0155>), da Missão Paz, frequentemente participa de debates e discussões: recentemente participou via internet de uma mesa no Foro Social Américas de las Migraciones (<http://bit.ly/SPM0156>), além de ajudar a cuidar do neto.



Feminização das migrações no Brasil

Márcia Maria de Oliveira, UFRR – Assessora do SPM

Uma característica marcante nesta atual conjuntura migratória internacional é a feminização das migrações que coloca muitas mulheres vulneráveis ao tráfico humano, uma das piores formas de violência contra as mulheres e uma das mais perversas violações aos direitos humanos. Nas últimas décadas as migrações têm aumentado significativamente na América Latina e Caribe na nova rota denominada pelos estudos migratórios recentes de “migrações sul-sul”. Parte desse crescimento deve-se às políticas restritivas dos países europeus, do Japão e dos Estados Unidos que até então eram os principais receptores de boa parte dos migrantes movidos, especialmente pelo trabalho.

O crescimento do racismo, da intolerância e da xenofobia nos países mais ricos resultando na criminalização das migrações também tem contribuído para reduzir o alcance da circulação dos migrantes ou para redefinir as rotas migratórias.

Esse contexto internacional vem contribuindo para o crescimento das migrações inter-regionais na América Latina e Caribe. Porém, muitos outros fatores corroboram para redesenhar as novas rotas das migrações nessa região. As questões políticas e econômicas, o aumento dos conflitos socioambientais e da violência agrária contra camponeses e povos indígenas, o desemprego, os crimes ambientais e as mudanças climáticas têm sido preponderantes para os novos e mais recentes deslocamentos inter-regionais. Países como o Brasil, que historicamente recebeu importantes circulações de migrantes bolivianos, peruanos, chilenos e paraguaios, nas últimas décadas passou a receber milhares de migrantes colombianos, haitianos, cubanos e, mais recentemente, venezuelanos.

A porta de entrada dos migrantes internacionais também mudou de lugar. Ao invés da convencional entrada pelo Atlântico, as novas rotas migratórias são pelas fronteiras, de maneira especial as fronteiras da Amazônia. Uma característica importante

das novas dinâmicas migratórias na Amazônia é o deslocamento e a circulação das mulheres. O conceito “feminização pode ser usado para indicar uma mudança com viés de gênero, uma ação, um processo de se tornar mais feminina, mais comum ou intensa entre as mulheres ou em domicílios chefiados por mulheres” (YANNOULAS, 2011, p. 22). Nesta perspectiva, a feminização “é a ação ou efeito de feminizar, tornar feminino e refere-se ainda ao conceito de feminização das profissões e ocupações, a que correspondem metodologias e técnicas diferentes para a coleta e análise de informação” (YANNOULAS, 2011, p. 27).

No atual reordenamento internacional do trabalho, a precarização do trabalho tem promovido maior circulação de mulheres em busca de postos de trabalho com salários inferiorizados e concentrados basicamente no setor de prestação de serviços e na área dos cuidados.

Soma-se uma mudança significativa de comportamento social que faz com que cada vez mais as mulheres assumam a responsabilidade da manutenção econômica da família. Todos estes fatores têm contribuído para o aumento da feminização das migrações e suas implicações, de modo especial a incrementação da economia das remessas.

Todas estas situações, no entanto, não retiram das mulheres o seu protagonismo nos processos migratórios. São elas que abrem novos caminhos e possibilidades de trabalho e renda em novas modalidades de economia solidária pautadas na organização participativa. Coordenam as redes migratórias e avançam nos debates em torno da proposição de políticas migratórias que travam um importante embate com os modelos de assistencialismo e militarização das ações humanitárias voltadas para os migrantes. Cada vez mais, elas estão chegando e “caminham nas fileiras deste povo peregrino, gerando a igualdade e a paz”. Por tudo isso, “é lindo ver sua luta” (Ir. Elda Broilo).



Referências

BAENINGER, Rosana et al. *Migrações Sul-Sul*. 2ª edição. Campinas, SP: Nepo/ Unicamp, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea*. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

YANNOULAS, S.C. *Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria*. *Revista Temporalis. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS)*, v. 2, n. 22, 2011.

Êxodo ou a Migração no Caminho da Liberdade

Dom Sebastião Armando Gameleira Soares, Bispo emérito da Igreja Anglicana

Há um problema generalizado na maneira como muitas pessoas compreendem o que seja “orar”. Arrisco dizer que, na oração, se não a maioria, pelo menos grandíssimo número de pessoas usa da oração para pedir favores a Deus e, particularmente, “lembrá-lo” de suas obrigações em relação a nós e ao mundo. Parece até que se compreende Deus como um grande senhor celestial que, frequentemente, se descuide de Suas tarefas e por isso necessita de ser lembrado pela humanidade. Os outros tipos de oração: de louvor, adoração, contemplação, agradecimento, pedir perdão... são bem menos praticados. O mais comum é orar para pedir e, assim, tentar suprir nossas carências de vários tipos. Oramos como se Deus habitualmente estivesse distraído de Seus deveres de prestar assistência a nós. É tendência comum da religiosidade humana que revela nossa imaturidade. É como se transferíssemos para os “poderes” celestiais nosso próprio modo de ser.

Evidentemente, nossa costumeira oração de petição tem muito pouco a ver com a daquela criança que, a cada manhã, de joelhos ao pé da cama, dava “bom dia” a Deus e, com simplicidade infantil, Lhe perguntava: “Como posso Te ajudar neste dia de hoje?” Sem dúvida, em nosso jeito limitado de ser e de representar Deus, dificilmente vamos eliminar a “oração de petição” ou de “intercessão”. Só que temos de aplicar-lhe corretivo muito importante. O que, na

verdade, pedimos a Deus, muito mais que recordá-Lo de Suas obrigações, é uma maneira humana de despertar e prontificar-se a, em comunhão profunda com Deus, vir em socorro das necessidades das pessoas, de nós mesmos(as) e do mundo em redor de nós. É assumir em nome de Deus nosso mundo deixado a nossa responsabilidade como se vê em Gênesis 1 a 3. “Pedir a Deus” é uma maneira de nos dispor a agir em Seu Nome e pôr-nos em comunhão profunda com Ele, para que assim as pessoas a nosso redor percebam que Ele está presente e agindo em comunhão profunda com elas. É através de nós que Deus Se revela presente e atuante no mundo. Há algum tempo, escutei de uma pessoa, um homem do interior, uma linda definição de oração: “É recolher-se em Deus para, em união com Ele, ajudar a transformar este mundo”.

No Livro do Êxodo, temos um modelo muito claro disso. No primeiro capítulo, descreve-se a dura condição do povo subjugado aos interesses dos poderosos no Egito. No segundo capítulo, Moisés aparece como representante de quem toma consciência da situação, ele que vivera e tinha sido educado na corte do Faraó (é a maneira de ressaltar a radicalidade de seu gesto de ruptura, cf. Hb 11, 23-29). Sai ao encontro de seu povo. Espontaneamente toma a defesa

de seus irmãos e irmãs oprimidos e busca meios de restabelecer a paz e união nos conflitos entre o próprio povo. Vai tomando consciência de que não é só o dominador egípcio que oprime, mas entre o povo há graves conflitos. No capítulo terceiro, estamos num impasse. Moisés teve de fugir para livrar-se da perseguição da polícia, torna-se migrante. No deserto, suas experiências são repensadas e analisadas. Percebe diante de Deus que seus objetivos são corretos. Na verdade, Deus Se revela tendo esses mesmos objetivos: defender o povo da dominação dos egípcios e unir irmãos e irmãs, pois divididos nada conseguirão. O grande impasse, porém, é que Moisés pensara poder resolver tão grandes problemas sozinho, com sua intuição e força. Quantas vezes entre nós há lideranças que pensam do mesmo jeito: espontaneístas e individualistas que julgam poder agir sozinhas... No deserto, paralisado pela perseguição, ao analisar experiências e métodos, percebe que a obra de libertação do povo não pode ser obra sua, é obra de Deus (cf. Ex 3, 7-12). Porque a construção e reconstrução da liberdade é obra de recriação do ser humano, por isso obra só de Deus (cf. Gn 1-2). Como obra de Deus, supera a obra de





um só, só pode ser obra coletiva, que transcende cada pessoa (cf. Ex 3, 16-18). E não pode ser realizada de maneira imediata, é ação de longo respiro. Reconstruir a liberdade no ser humano é tarefa permanente que transcende as pessoas e todas as épocas, é tarefa que se impõe sempre de novo com cada pessoa, cada sociedade, e cada época. A vida humana, pessoal e coletiva, é obra permanente. Cada pessoa chega ao mundo e a ela se oferece um “êxodo”, palavra que quer dizer “caminho de saída”. Toda a vida é proposta de um “caminho de saída”, com oportunidades e dificuldades mediante as quais os seres humanos vão se construindo. A tarefa de construção da liberdade é a mais delicada e difícil, pois é por excelência caminho espiritual de edificação de cada pessoa e de cada povo. Na verdade, a liberdade equivale à dimensão mais íntima da pessoa, dimensão transcendente que ultrapassa a própria pessoa, é o “espaço” onde se toca Deus, onde Ele se revela presente na construção da vida humana. Ser livre é projetar-se para além de si mesmo(a). Ao ler Êxodo, capítulo terceiro, será que não notamos que o que Deus entrega a Moisés é basicamente o que ele mesmo havia percebido em sua experiência de vida: livrar o povo da opressão e fomentar sua unidade? É importante ler o capítulo terceiro tendo presente o segundo. O que se acrescenta é a correção da metodologia, que decorre da percepção de que se trata de assumir a luta coletivamente e com previsão de longo prazo. Vimos que Moisés aprendeu isso de seus próprios erros.

O símbolo que expressa essa luta divina é o da “espada de fogo”: um espinheiro pegando fogo (cf. Ex 3, 1-6). É o mesmo que percebe Josué, substituto de Moisés, em frente de Jericó (cf. Js 5, 13-15). Da mesma forma se expressa a ruptura de Deus com a humanidade: espadas de fogo impedem a entrada ao Jardim do Éden (cf. Gn 3, 24). Conforme o profeta Isaías é

da mesma forma que se anuncia a condenação de Jerusalém: dos carros de guerra de Deus saem espadas como “línguas de fogo” (cf. Is 66, 14-15). É com “espadas de dois gumes” nas mãos e gritos de júbilo que procedem os fiéis para “prender reis com algemas e nobres com grilhões de ferro” (Sl 149). No Novo Testamento, a Epístola aos Efésios fala do anúncio do Evangelho como de intenso combate. Vale a pena conferir Ef 6, 14-17. Será por acaso que o Espírito se derrame em forma de “línguas de fogo”, labaredas, espadas? O anúncio do Evangelho e o novo modo de viver são combate que pode levar a julgamento e ao cárcere (cf. At 2, 1-4, 37). Toda a obra missionária do Apóstolo Paulo é descrita com imagens de luta (cf. 2Tm 4,7). Na simbologia guerreira de Apocalipse, apresenta-se o Cordeiro como cavaleiro Fiel e Verdadeiro que julga e combate com justiça (cf. Ap 19, 12-15).

Pois bem, o Deus que Se revela na sarça ardente confia a Moisés o segredo de Seu Nome. Não é como um ser distinto que se possa identificar como se identificam pessoas e coisas. Não é possível defini-Lo. Só se pode perceber que “está aí”, que está em ação entre nós e em nós (cf. Ex 3, 7-15). Não se pode representá-Lo ou defini-Lo, como se faz com os ídolos. É que está em nós, age em nós e por meio de nós e está sempre para além de nós. A partir dessa revelação, ou percepção fundamental, Os livros de Êxodo e de Números vão mostrar como o povo e sua liderança aprendem a caminhar, organizar-se e amadurecer. Não será fácil, pois a formação do povo de Israel foi progressiva e complexa: grupos que tinham vindo a fugir da servidão no Egito, grupos que se juntaram na etapa de migração pelo deserto, grupos de agricultores e de pastores da Terra de Canaã que romperam com os príncipes que dominavam a região, como se pode ver nas memórias dos livros de Josué e de Juízes.

Desse povo formado por diversos grupos oprimidos e migrantes é que nasceu Israel, nome que significa “Deus vence”. No Livro de Josué, capítulo 24, faz-se memória de uma famosa Assembleia em Siquém que celebrou a aliança desses diferentes grupos que passaram a formar uma aliança tribal igualitária, sem príncipes nem poder estatal a dominar sobre o povo. Experiência que perdurou por mais ou menos duzentos anos até que se estabeleceu o reinado, aliás julgado tantas vezes negativamente (cf. Dt 17, 14-20).

Nosso povo brasileiro é um povo de migrantes: aborígenes migrantes através de florestas, rios e campos; grupos africanos desenraizados de suas terras de origem e aqui escravizados, vendidos e tantas vezes transferidos de novo para outras terras; imigrantes de diversos países europeus e de países asiáticos. Teríamos muito a aprender dos antigos textos bíblicos e receber estímulos e lições para nos reconstruir como “povo de Deus”, para além de nacionalidades e de religiões de origem, tendo como fundamento a tarefa comum de construir a própria liberdade, partilhada na tarefa de afirmar a própria dignidade em torno da experiência de Deus como “Emanuel”, “Deus conosco”, o Deus que “está aí”, entre nós (cf. Is 7, 10-17). A profecia de Isaías se encontra com a experiência do Êxodo e, conforme o Evangelho, com a experiência de Jesus (cf. Mt 1, 18-25).

A Economia de Francisco e a Migração

Eduardo Brasileiro



*...realmar
o espírito de
mudança...*

O direito a se mover livremente pelo mundo não deveria ser um privilégio de quem tem poder e dígitos na conta bancária, bem como o direito a habitar um lugar sem fugir buscando refúgio também não deveria ser uma política econômica aplicada.

Consciente disso o Papa Francisco desde o dia 1º de maio de 2019 convoca a sociedade do mundo inteiro a fazer um pacto para *realmar* essa economia que mata, exclui, fragiliza a convivência e depreda a criação. O chamado do Papa se inscreve no mais importante evento que poderá ocorrer nas próximas décadas, visto que é o líder da maior instituição religiosa convocando jovens do mundo inteiro, pesquisadores, ativistas sociais, lideranças políticas a construir um pacto para dar alma a economia que foi capturada pelos interesses de uma pequena porção da sociedade, o 1% que atualmente concentra metade da economia global enquanto os outros 99% luta pela sobrevivência.

Os conflitos econômicos existem por essa disputa de acumulação que segundo relatório da ONU em 2019 o número de migrantes internacionais alcançou 272 milhões de pessoas em 2019, representando um aumento de 5 milhões desde 2010. A economia em seu sentido de administração da casa hoje trata apenas de ser relação de mercado (= relação comercial de lucro) e a política que deveria instituir o bem comum hoje é apenas executora dos mercados a partir de uma necropolítica (política de morte).

Unidos às lutas dos movimentos que atravessam o século denunciando o empobrecimento como estratégia de manipulação e extermínio de povos, o chamado a *realmar* se resume em enfrentarmos a desumanização crescentes que transformou homem e mulher em sujeitos empresariais movidos pela lógica de consumo, competição e acumulação. Essa dominação trata-se da dominação subjetiva que o neoliberalismo constrói em cada um de nós, imersos nos desafios sociais e econômicos para própria sobrevivência.

Trata-se de reconectar o humano a sua condição de terrícola, onde o pertencer à terra é uma relação com o ecossistema, não um uso, um descarte. Por isso, preconiza a comunidade como local de produção e reprodução da vida social, acreditando numa economia de proximidade, onde as pessoas produzam uma economia local que não agrida a Casa Comum (a saber a terra e as pessoas mais pobres) e construa harmonia entre as regiões cada uma produzindo para seu próprio consumo. Atualmente as economias do bairro não nos pertence, são corporações que vem de longe, exploram, lucram e a nível nacional interferem em leis para redução dos direitos trabalhistas.

Novas economias são possíveis e se insurgem para a construção de uma sociedade sem muros, onde a acolhida reconecta o elo entre a Casa Comum (Ecologia) e a administração (Economia) e constrói espaços de economias locais capazes de nos dissociarmos cada vez mais dessa economia de morte. Inspirados em Francisco e Clara de Assis, ícones de uma economia do suficiente, realmamos essa sociedade sendo comunidade, sendo partilha, compartilhamento e cooperação cada vez mais em nossos territórios com economias solidárias, ecológicas, da proximidade, da dádiva da partilha.

Eduardo Brasileiro, educador na Zona Leste de São Paulo é formado em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e assessor Socioeducativo do Instituto Cultiva. Selecionado para o evento Economia de Francisco, é membro da Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC).

Política, fanatismo político e migração

Jairo Moura Costa; Ana Valim; José Carlos A. Pereira



Na década de 1960, se repetiu com Jânio Quadros um fenômeno muito parecido com o acontecido com Getúlio Vargas. A idolatria ao político, oriunda de um fanatismo que, em geral começa com uma adesão cega, não crítica a um sistema religioso, político, desportivo, cultural etc. Daí vai se arraigando para a vida cotidiana das pessoas e instituições. Como isso termina a gente sabe bem: negação de verdades e diversas formas de violência e intolerância que ameaçam ou destroem a vida e a democracia.

Os fatos históricos se repetem, com personagens e circunstâncias diferentes muitos anos depois. Nas últimas eleições à Presidência da República o fanatismo ressurgiu, de novo com o apoio da grande mídia e, mais precisamente, das redes sociais e das *fake news*. Isto contribuiu fortemente para instalar no país um “messianismo” hipócrita e oportunista, representado por um governo que promove o ódio e a destruição da natureza. Trata-se, claramente, de uma política de morte. Contudo, o próprio governo e seus fanáticos defensores negam os rastros de destruição e morte que a sua política vai deixando no país.

Fanatismo que é percebido também, lamentavelmente, no comportamento de vários grupos da população. O povo ou o público é o destinatário central das *fake news* e das mensagens fanáticas. Pois, sem o apoio popular fica difícil para as grandes mídias bancarem sozinhas um governo que vá implantar as “reformas” de forma ditatorial e messiânica. Sem apoio popular não se vai muito longe. Há que se lembrar que o público que aplaude e idolatra pode ser o mesmo que irá condenar. Tudo depende do que a ele é oferecido. Olhemos o Judas Iscariotes. Trocou de lado por 30 moedas de prata. E o fato vai se repetindo com personagens e circunstâncias diferentes.

O fundamentalista é, acima de tudo, preconceituoso. Segue cegamente o líder. Não avalia riscos, não se coloca no lugar do próximo que é excluído, discriminado, massacrado, explorado. É

escravo de uma ideologia alienante, sem vontade e opiniões próprias. Tem preguiça de ter um senso crítico e odeia a diversidade de ideias e culturas. “Se tenho comida à minha mesa, por que me preocupar com quem não a tem?” Daí o preconceito com o imigrante, o refugiado, o negro, a mulher, com os pobres.

Há um verso, em uma canção de Paulinho da Viola, que diz: “E a vida continua, este um dito que todo mundo proclama. O consolo dos aflitos e a desilusão de quem ama”. Sim a vida continua, e continuamos a caminhada. Mas cabem perguntas. Onde o fanatismo, o fundamentalismo religioso e político nos levarão? Que transformação social virá disso? Quem serão as vítimas das fobias deles oriundas? Qual o papel dos movimentos sociais organizados, como contraponto a este movimento?

O líder, normalmente, é um doutrinador e tem um poder de convencimento hipnótico, e seus seguidores não conseguem ver além da embalagem. Porém, o presente não é o que aparenta. Nele, o líder está disfarçado, carregado de mágoas, à espera de uma revanche frente a algo que o feriu no passado e que o incomoda. Daí as posições contrárias a movimentos sociais organizados, a indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, negros, mulheres e outros grupos de orientação sexual que fuja ao moralismo patriarcalista. É preciso inteligência e planejamento para se opor à liderança doutrinadora, haja vista que seus seguidores não estão dispostos a escutar quem os contradiz.

No fanatismo há muita manipulação de informação, de ideias e até da Palavra de Deus, que geralmente é usada para distorcer a realidade. Todos sofreremos com essa distorção, mas principalmente os grupos sociais em situação de vulnerabilidade como migrantes, refugiados, pessoas em situação de rua. É preciso que caminhemos com eles escutando-os, partilhando ideias, experiências, ferramentas e serviços que despertem esperanças, fortaleçam as lutas por justiça social, liberdades de expressão, interculturalidade, acolhida digna e bem viver.

Salvador

A relação com a Pastoral do Migrante começou em julho de 2018 com a chegada de Migrantes Venezuelanos. Foi um desafio grande; mas a providência divina foi abrindo caminhos para atendermos ao chamado do Papa Francisco, Acolher, Proteger, Promover e Integrar; esse momento nos proporcionou aprender fazendo, com uma espiritualidade para a missão; a demanda foi crescendo.

Chegou Luciana para construirmos uma ação mais estruturada, e junto chegaram haitianos, árabes e senegaleses. A dificuldade maior foi o idioma (Espanhol, Frances e dialetos), fomos pedindo as luzes do Espírito Santo para compreender e buscar solução para os problemas. Luciana os acompanhava na Polícia Federal, na Prefeitura, na Defensoria Pública e em outras atividades (ministramos aulas de português para a prova de proficiência). Tudo foi tomando uma proporção muito grande e as dificuldades surgindo.

O curso de espanhol Coromoto foi criado como possibilidade de renda para as pedagogas venezuelanas, com o propósito de atender a demanda existente nas secretarias de governo e na Procuradoria Geral; além de contemplar cursos rápidos para pessoas em viagem ao exterior. Posteriormente o curso Coromoto ampliou sua proposta inicial para atender crianças e adolescentes.

Em Dezembro de 2019 recebemos do coordenador da Operação Acolhida; a missão de organizar um abrigo temporário em Salvador, para a chegada de 37 venezuelanos, entre adultos e crianças, na véspera de Natal. Foi um desafio interessante. Conseguimos acolher a todos/todas, desde a chegada até o momento do deslocamento para a cidade final - municípios da Bahia, Recife e Fortaleza - conforme definido no programa de interiorização.

Em 2020, com apoio da coordenação nacional, iniciamos os passos para uma articulação mais ampliada com vários segmentos da Bahia.



Menina de dez anos

Pe. Alfredo J. Gonçalves

Perdoa-nos a todos e todas, Menina de dez anos,
pelo sofrimento que cedo se abateu sobre teu corpo e tua alma;
há quatro anos, vítima no interior mesmo do “lar sagrado” que a devia proteger,
o que resultaria numa gravidez indesejada, com suas consequências unilaterais.
Não, não queremos saber teu nome, tua família nem teu endereço;
tampouco desejamos chafurdar em teus segredos e mistérios de criança,
precocemente atropelados pela trágica trajetória, em espiral e crescente,
do uso e abuso, estupro e violência contra a mulher – cujo fim é o feminicídio.

Perdoa aos que, moralizantes, insistimos em apontar o dedo em riste,
aos que, em lugar do criminoso, tentamos linchar a vítima inocente e indefesa,
e aos que, de tua infância rota e interrompida, fazemos um espetáculo.
Sentados e protegidos confortavelmente nos sofás de nossas casas,
acostumamo-nos a consumir, através dos jornais, telejornais e Internet,
histórias sinistras e macabras, que tendemos a engolir e naturalizar
como se fossem notícias normais do dia-a-dia, da mesma forma que se consomem
roupas e calçados, bolsas e viagens, gols e futebol, celulares e falsas notícias.

Na pessoa do tio homem, macho e covarde, física e moralmente miserável,
logo medroso e desconhecido, foragido da lei e das responsabilidades;
perdoa-nos o comodismo da banalidade e da impotência, ambas hipócritas.
Perdoa-nos quando, não obstante a clara evidência em contrário,
longe e ao mesmo tempo perto dos acontecimentos que nos circundam,
sentimo-nos e agimos como se fossemos protagonistas e sujeitos da história,
um tecido social, político e econômico que, à revelia dos “sábios e conscientes”
é costurado diariamente por nomes e rostos invisíveis, “descartáveis” e silenciosos!...

No mapa da existência, seguimos nos achando uma espécie centro ou epicentro
das coisas e dos fatos, das relações e polêmicas, da continuidade e ruptura:
ponto de convergência do cotidiano agitado, voraz e veloz, das vidas frenéticas;
redemoinho sem norte, destino ou direção, girando em falso e em vão,
Sempre em busca de ventos fortes, raios furiosos e chuvas torrenciais.
Novidades febris que venham sacudir a letargia e trazer sentimentos e sensações,
capazes de preencher o vazio inócuo desta ilha do aqui e agora em que nos instalamos,
onde o barco dos “tempos modernos” encalhou num arquipélago de fantasias
de uma geração volátil e virtual, efêmera e transitória, mas em busca de novo rumo,
abandonada, sedenta e solitária no hoje imediato, desligada do passado e do futuro,
sem saber ao certo o que fazer no presente – com seus apelos, clamores e desafios.

Sós e embrutecidos, ébrios ou eufóricos – farejamos e nutrimo-nos de escândalos;
por isso, Menina de dez anos, perdoa-nos por que não sabermos o que fazemos!
Nosso silêncio e indiferença favorecem a ação criminosa dos tios perversos,
e que, perversamente, se ocultam ao abrigo da “inviolabilidade do espaço familiar”;
a apatia parece paralisar nosso cérebro e nossas mãos duras e cerradas;
perdoa-nos e ensina-nos a despertar para a realidade viva, nua e crua
das ruas e becos, dos porões e periferias, dos “infernos humanos” sobre a terra,
em vista de participar na construção de um “céu humano-divino”, onde ninguém será excluído!



Balaio

O Grito dos Excluídos e das Excluídas acontece tradicionalmente, há 26 anos, no dia 7 de setembro. 2020, apesar da pandemia, não deixou de acontecer. A novidade é que agora há também o dia D do Grito, com atividades todos os meses. [<http://bit.ly/SPM0099>]

A propriedade privada é muito importante, mas não deve estar acima da vida das pessoas. Não aos despejos!

No dia Mundial do Migrante e do Refugiado, dia 27 de setembro, o Papa Francisco encorajou a Igreja no mundo inteiro e as pessoas de boa vontade para um período de conscientização e sensibilização sobre o fenômeno da migração, em especial da migração interna. [<http://bit.ly/SPM0159>]

O Apostolado do Mar completou 100 anos. Nasceu no dia 4 de outubro de 1920, em Glasgow, Escócia. Há um século, um pequeno grupo de leigos do Apostolado da Oração resolveu estender sua solicitude pastoral e espiritual aos trabalhadores do mar. Desde então, os centros de acolhida e assistência aos marítimos e pescadores se multiplicam pelos portos e aldeias de pesca. Chega-se, assim, à rede internacional do Apostolado do Mar. [<http://bit.ly/SPM0160>]

#SPM35ANOS - Rostos: quem sou eu? / quem é você? / quem somos? / somos migrantes, refugiados? / Se Deus nos criou em sua semelhança, e nos entregou o mundo, quem somos? / Sim somos as almas na terra de corpos sem almas / Somos sementes a espera de um bom solo. (Trecho da Poesia: Metodologia dos 4 Rs de MACAIO UPECOR GOMES CACABRO)

20 de Novembro - Dia da Consciência Negra, oficialmente no Brasil desde 2011, esta também é a data da morte de Zumbi, líder do quilombo dos Palmares. Data que rememora uma longa luta antirracista do movimento negro neste país. #VIDASNEGRA-SIMPORTAM

A pandemia de coronavírus e a necessidade de isolamento social, para garantir que o sistema de saúde público não entrasse em colapso, não impediu que as equipes do SPM seguissem seu trabalho de acolhimento aos migrantes, como ficou evidente nas edições mensais do nosso Boletim SPM Informa [<http://bit.ly/SPMinforma>]